



OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte | PORTUGAL E COLONIAS | Franco de porte
 Anno ou 24 números 24000 | Trimestre ou 6 números 8000
 Semestre ou 12 números 14000 | N.º avulso ou pago à entrega 3120
 ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS
 ANNO ou 24 números 34000 | Semestre ou 12 números 18500

1.º ANNO—VOLUME I—N.º 24

15 DE DEZEMBRO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
 LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados de seu
 importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da
 imprensa.
 O correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro sr. Serafim J. Alves.

XXIV ANNIVERSARIO DA MORTE D'ALMEIDA GARRETT



J. B. de Almeida Garrett

SUMMARIO

TEXTO.—Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO—Garrett, FERNANDO CHAGAS—As nossas gravuras—Monumento a Garrett, R.—Cosmos, SILVA RAMOS—Exemplo das moedas do Siam, A. MARQUES PEREIRA—Aos leitores.

GRAVURAS.—Almeida Garrett—Bên, bôu, bôn, tira o chapéo, etc., illustração de M. de Macedo—Rua do Arco de Sant'Anna—Cadeira abbaical que pertenceu a Almeida Garrett—Casa onde nasceu Almeida Garrett—Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Sob o ponto de vista da natureza a quinzena decorrida pôde considerar-se uma bonita quinzena. De dia um formosissimo sol de dezembro rolando como uma bola de ouro, entre as sonoras vibrações da sua luz, pela profundidade do azul celeste: á noite uma temperatura propicia para os confortos íntimos do fogão e para os conchegos tepidos do theatro lyrico.

Sob o ponto de vista da arte, a politica houve por bem dispensar novos afagos á musa da poesia, com a entrega da pasta da justiça a um dos antigos unguidos da divina chamma; tivemos o prologo a um livro de versos escripto pelo sr. ministro da marinha; os editores annunciaram dois novos livros de poesias, *Vesperas e Completas*, do mesmo dignissimo funcionario, e S. Carlos dividiu-se, ás onze e meia da noite, em duas parcialidades rivaes, batendo-se uma pelas seducções da primeira bailarina e outra pelos encantos da segunda.

Sómente sob o ponto de vista da moral, ao passo que tivemos as inscrições a 30, o thermometro desceu a 5 no observatorio da malidicencia publica, tal qual como no da escola Polytheica.

Ó santa innocencia das aldeias! A estas horas andas tu tiritando de frio, mordida pela nortada agreste que zumba nos olivedos da encosta, quebrando com o teu bordão nodoso a superficie gelada do arroio aonde ao meio dia de agosto os teus grandes e pacificos bois humedece a immensa lingua côr de rosa! E como és infeliz, na opinião de muitos, por não te ser dado reclinar-te n'uma cadeira da opera, fazendo intervir a extremidade ferrada do teu pau ou dos teus sapatos em prol da pomposa fealdade de M.^{lho} Battu ou da fealdade indiscutivel de M.^{lho} Augustini! Entretanto tu vives resignada na tua pobreza, santa innocencia! Se ás vezes dás entrada na cadeia da tua terra, por crimes previstos no codigo; por amolgares a bordão as costellas do teu amigo e visinho, abrires no meio os fiscoes da fazenda, ou retalhares em porções o recebedor da commarca, ah, em compensação tu ignoras completamente o que seja essa transição cruel de saíres pela porta dourada aonde a consideração publica em alas se curva na tua passagem, para incontinentemente entrares pela do Limoeiro!...

Este ultimo período podia ser substituído por outro muito mais claro na sua simplicidade, por exemplo:

«Na ultima quinzena o Limoeiro adquiriu mais alguns reclusos da melhor sociedade.»

Não nos arrependamos entretanto de sacrificar de quando em quando um pouco á rhetorica, embora os leitores em geral e os bancos em especial não ganhem muito com as exuberancias de estylo. Não faço injustiça nem a uns nem a outros suppondo que n'este momento o que elles desejariam mais eram as exuberancias de numerario.

A rhetorica entretanto é a providencia dos chronistas discretos, e das chronicas famintas de successos. Deitar um braçado de flores em cima de certos factos tristes, ao passo que salva do vituperio dos estranhos a moral publica nacional contundida, matisa ao mesmo tempo a aridez d'este deserto obrigado de quasi todas as publicações periodicas. Passemos adiante que é melhor.

—O caso do banco Ultramarino ao mesmo tempo que absorve talvez o dinheiro dos accionistas, absorveu as attentões do publico, a ponto de nem todos darem noticia de alguns acontecimentos aliás dignos de commemoração. Um d'estes foi, depois do relatório que precedia a lei do registro civil, o prologo escripto pelo sr. ministro da marinha a um volume de poesias devidas á pena de uma poetisa brasileira.

Alguns órgãos da opposição não deixaram porém de aproveitar este prologo como arma de combate, especialmente pela revelação curiosa que n'elle faz o sr. ministro da navegação dos livros que, no momento de o escrever, se achavam sobre a sua mesa de trabalho; entre elles, o *Divorcio* traduzido por M.^{lho} Rattazzi, a par dos *Estudos sobre o direito civil dos Indus*, e *Quatro volumes da colleção de Jurisprudencia colonial*, por Aubigny, ao lado das folhas impressas das *Margaritas* pela sr.^a D. Adalina Lopes Vieira de Castro.

Entende a opposição que estas obras, estudadas e meditadas conjunctamente, não são garantia bastante da prosperidade immediata das colonias, annunciada no correio proximo, no que eu até certo ponto estou d'accordo. Deviam, porém, as referidas folhas reflectir em que um estadista não ha de estar sempre a folhear os directores geraes por mais seductoras que sejam as lombadas d'estes volumes. O proprio sr. de Bismark, nas horas vagas costuma distrahir-se lendo Ponson du Terrail, segundo rezam as chronicas intimas, e como é facil de acreditar lançando uma vista d'olhos á sua politica Rocambolesca. Agora mesmo

os pensadores estão notando muito Ponson du Terrail no processo que o terrivel chancellor põe em pratica para dar cabo do socialismo. O sr. de Bismark disse á Europa conservadora, apontando-lhe os recentes attentados commettidos contra a idéa monarchica na pessoa dos monarchas; — meus senhores, é preciso apagar o vulcão revolucionario que vae tomando proporções assustadoras a ponto do Vesúvio ao pé d'elle não passar de um vulcão proprio para aquecer ovos. O referido vulcão como vêem, tenho-o eu aqui na dextra; vamos reprimil-o. Em primeiro logar façamos as pazes com a egreja para que ella lhe flite em cima alguma agua benta, depois, mandemos forjar ás officinas de Krupp, uma tampa blindada e fechemos as fauces do monstro como quem fecha um bahu: podem dormir descansados que a labareda fica-me d'esta fórma debaixo de chave e de hoje em diante eu Bismark sou o elaviculario do incendio internacional. —

E assim se fez. A tampa blindada forjou-se, e agora dão-se as ultimas martelladas para a assentar bem na cratera; feito o que Bismark e todo o partido feudal da velha Alemanha se lhe sentarão em cima.

Sómente o fogo comprimido irromperá com furia para outro lado: e um bello dia — quando fór pelos ares — é que o sr. de Bismark pensará que teria sido muito mais previdente investigar a origem da lava e, por meios muito pacificos, muito incidiosos, ir procurando com a ponta da *badine* desviar a corrente para outro lado.

Bismark, a querer esconjurjar o socialismo, não devia supprimir unicamente Lassale, devia tambem supprimir Krupp. Assim, sem o pensar, ao passo que disciplina os exercitos obriga a revolução a disciplinar-se tambem. Mais dez annos e ver-se-ha a influencia *benefica* do sr. de Bismark no moderno pensamento revolucionario da Europa.

Ora não obstante estes arduos combates, se Bismark não desdenha Ponson du Terrail, e pelo contrario parece estudar n'elle alguns *traces* da sua politica, para que estranhar se os nossos homens publicos tambem se distraem da labutação dos negocios dedicando algumas horas á leitura de obras de instrucção e ao mesmo tempo de recreio?

As folhas da opposição a que me referi foram pois injustas. Nos tempos espinhosos que vão correndo o espirito dos homens d'estado achu-se de tal fórma asoherbado por questões difficéis, que não seria de admirar que o proprio sr. Fontes, por exemplo, tomando por modelo Bismark, o *invenivel*, começasse por se retemperar n'essa corrente salutar que deriva, ás folhas, das bibliothecas baratas com premio aos assignantes.

— Mr. Gauthier é um pintor repentista que ha poucos dias se apresentou no theatro dos Recreios executando em 3 minutos, á vista do publico, uma paizagem com todas as qualidades de perspectiva e de luz para ser vista á claridade da rampa. Esta presteza de pincel abysmanos em calculos insondaveis! Basta que o sr. Gauthier se proponha a trabalhar 8 horas por dia para produzir 90 quadros todas as 24 horas, ou seja cerca de 35 mil e tantos por anno! Que insignificante cousa é um amanuense enchendo folhas de papel ao pé d'esta celebridade enchendo quadros de lona!

— Annuncia-se uma companhia chinesa authentica ao que dizem, a avaliar pelo rabicho. A China anda hoje tão falsificada e a *chinoiserie* cultiva-se com tanta exactidão que é licito desconfiar de tudo o que traz a marca do celeste imperio sem que se demonstre a sua procedencia até á saciedade. Os annuncios porém d'esta vez promettem-nos Pekin legitimo e eu confio na sua palavra honrada.

— Uma pergunta feita ao leitor com a maior sinceridade: Já leu a *Carteira d'um viajante*?

Se não leu tenha a bondade de ler quanto antes considerando no seguinte: O auctor, Carlos Lobo d'Avila, tem 18 annos apenas, segundo confessa unanimemente toda a imprensa periodica: n'este ponto acho-me disposto a concordar com ella: e, cousa rara e que poucas vezes me acontece: seguindo eu quasi sempre o systema, quando se trata de prodigios quer no theatro quer na litteratura, de ter uma opinião inteltramente opposta á do jornalismo do meu paiz; d'esta vez acho-me de accordo nos louvores tributados ao auctor d'este livro em que eu vejo antes de tudo uma revellação brilhantissima. A *carteira d'um viajante*, impõe ao que a escreve aos 18 annos uma obrigação tremenda: a de pelo menos aos 28, já ter escripto uma obra prima.

GUILHERME D'AZEVEDO.

GARRETT

A homenagem, que o OCCIDENTE quer prestar n'este numero á memoria do grande poeta, é modesta sim, mas serve comtudo para attestar que não é necessario que venha o musgo de tres seculos vestir a lousa de um escriptor, para que seja considerado uma gloria nacional, para que a patria lhe pague em veneração o que lhe deve em gloria.

E Garrett foi grande, grande pelo seu genio, grande pela nacionalissima significação da sua obra vasta e maravilhosa. O seu nome já agora não se pôde separar do de Camões; não os uniu só a fraternidade do talento, e a sublime inspiração que fez de Garrett o cantor e de Camões o heroe do novo poema romantico; mas, se a epopéa de Camões affirma n'um brado grandioso a nacionalidade portugueza no

momento em que ella expira, a obra de Garrett não é mais do que a affirmação esplendida d'essa nacionalidade que resurge ao toque magico da liberdade. Aquelle, quando o sol da patria se affoga n'um crepusculo sanguineo, brilha como a estrella Vesper no céu já desmaiado pelas sombras da tarde; este, quando o sol da nova idéa desponta no horizonte, brilha como a estrella da manhã no firmamento alvorecido por suavissimos clarões. Aquelle é o escultor que lavra as estatuas para o tumulo de um povo, este o Pygmalião que lhes dá fogo e vida; aquelle na urna cineraria da epopeia guarda reverentemente as reliquias da nossa gloria, este no mundo ficticio mas sublime da phantasia dá a existencia da arte aos heroes e ao cantor; aquelle é o crepusculo grave, este a radiosa aurora; aquelle o pensativo Homero, este o ridente Ariosto.

Ariosto disse, pensando na *D. Branca*; mas que outras e que tão notaveis faces não tem aquelle brilhantissimo talento! Garrett é Garrett, a sua physionomia é sua e é portugueza; possue o que nas letras ha de mais raro, uma individualidade; como Camões, entre os epicos modernos, traçou para si um logar à parte, e foi por isso vituperado e apedrejado pelos que se arremetiam á sombra da bandeira de Aristoteles, assim Garrett, entre os chefes do movimento romantico, seguiu tambem as proprias inspirações, e foi talvez acimado de traidor ou de tibio pelos revolucionarios extremos que arvoraram no campo das letras a guilhotina de 93.

A revolução litteraria teve os seus excessos da mesma fórma que a revolução politica; o Versailles da tragedia, tomado de assalto pelos republicanos, foi posto a saque, a ferro, a fogo e a sangue; e o tranquillo vestibulo dos cinco actos, onde outr'ora se immolava magestosamente uma victima, depois de se lhe ter consentido que declamasse uma quantidade consideravel de alexandrinos, foi alastrado de cada-veres por Victor Hugo e seus consocios. No final do *Hernani* os tres personagens principaes caiam uns por cima dos outros, até ficar perante a scena deserta o ponto estupefacto. O povo, que era outr'ora representado apenas por uns poucos de guardas doces, que acudiam inevitavelmente ao *Holá* do tyranno, o povo inundou o tablado, fallou, tumultuou, assumiu os papeis principaes, e os primeiros ministros passaram pela vergonha de atravessar apenas o fundo do theatro, para dizerem duas palavras de dentro de uma liteira vermelha, como o Richelieu de *Marion Delorme*. A prosa, conduzida pela mão atrevida de Alexandre Dumas, entrava na scena tragica, e arrancava applausos nas bochechas do alexandrino assombrado, que via menosprezadas as cesuras obrigatorias e a cadencia tradicional.

A comedia entre-cruzava-se com a tragedia. D. Cesar de Bazan rogava sem a menor cerimonia o seu gilhão esfarrapado pelos veludos da rainha de Hespanha, e o seu estylo, illuminado a colorau, dialogava tranquillamente com a phrase altloqua de Ruy Blas. A antithese chegava ao seu auge; Maria Tudor, a rainha de Inglaterra, fallava face a face com o algoz; o bobo Triloulet era grande e Francisco I era pequeno; na ceia de Ferrara Lucrecia Borgia fazia entrar como convivas da alegre orgia os funebres monges, e defrontava ousadamente com a meza illuminada e florida os lugubres caixões, e as lagrimas de prata no panno mortuario, e a cruz branca sobre os fundos negros.

O lyrismo, que se despenhava, torrentoso e admiravel, das alturas d'aquelle genio immenso de Victor Hugo, circulava, como onda perfumada e ardente, nas veias da tragedia nova. As peripecias violentas, o estylo todo cor de chamma, os contrastes inesperados agitavam a alma dos espectadores, e conquistavam merecida popularidade para esses dramas soberbos, que, a despeito das fluctuações da critica, hão de ficar na historia litteraria da França como verdadeiros monumentos. Mas em todo o caso aquelle era o genero ultra, era o 93 no theatro, era a demagogia infrene na litteratura, e podia ser que, assim como apos esses demagogos gigantes que se chamavam Danton e Desmoulins vinham os demagogos pequenos e repugnantes que se chamavam Hébert e Chaumette, viesse tambem, após Hugo e Dumas, a turba insulsa e estragadora dos imitadores.

Velo! e por muito tempo não se ouviu no theatro senão o ranger dos dentes, e o estertor, e a maldição; não se viu senão o clarão dos incendios e o luzir sinistro dos punhaes; nos paços fallava-se como nas tavernas, os seculos confundidos apresentavam os cortejos de Luiz o Grande transformados em senhores feudaes do tempo de Luiz o Gordo, e a farça burlesca entremeava-se com o drama sanguinario, a gargalhada do bebado respondia ao grito do agonizante, o drama era uma saturnal, um motim e uma algazarra, illuminada pelos relampagos nos bastidores, e acompanhada pela classica trovada do machinista.

E isto era assim na Europa inteira; mas Garrett, com o tacto fino que o caracterisava, logo de principio se apartou d'essa horda bandeira, apesar do esplendor do talento dos capitães. Garrett em litteratura era o homem de 89, se admittir-mos que Victor Hugo, como elle mesmo o confessa, é o homem de 93. Dá isso á sua physionomia um cunho originalissimo, marca-lhe um logar desviado, e faz com que a litteratura portugueza, seguindo em parte o seu impulso, descreva uma orbita sua propria n'este grande movimento dos espiritos na Europa.

Inimigo em tudo dos extremos, Garrett, se não acompanhou os dramaturgos no seu movimento demagogico, tambem não foi com os lyricos para a reacção religiosa. Não gemeu, como Lamartine, sobre a cruz desamparada dos mosteiros da idade média, nem lamentou, como Chateaubriand, que a poesia ascetica dos claustros, aninhada na sombra das Cartuxas, tivesse fugido espavorida do jorro de luz da liberdade. Ainda no prologo do *Arco de Sant'Anna* protestava elle contra a recrudescencia reaccionaria, fortalecida pelas tendencias mysticas da poesia

lamartiniana. A meia-idade, com os seus pagens e menestrels, com os seus trovadores e cavalleiros, com as fadas e os frades, as outiladas e os encantamentos, as sirventes e os sortilegios, a meia-idade, enlevo dos poetas de 1830, teve em Garrett um enamorado que sabia colher as flores do galanteio sem se despenhar nos abysmos da paixão.

A poesia das chronicas e das tradições aproveitava-a Garrett, como Ariosto aproveitou a dos romances de cavallaria, sempre com um sorriso nos labios. Enquanto os românticos francezes calavam a vizeira, empunhavam a espada de Robbão, e cavalgavam por montes e valles com os barões rudes e mal-encarados, e com a companhia se deliciavam, Garrett seguia malicioso e ridente o alvo palafrem de D. Branca, e a nedia mulla de *meestre Gilvaz que em Padua fez prodigios*; enquanto o pineal dos românticos procurava as côres mais negras para traçar o quadro de atrocidades sem nome, quando as bacchanas sanguinarias da *Torre de Nesle* eram apresentadas em toda a sua *crudité* aos applausos de um publico delirante, o lapis de Garrett corria delicado e aéreo a desenhar as fórmas suavissimas de Adozinda, e contava com uma graciosidade indizível as cousas mais difficis de contar. Os românticos francezes, como os republicanos de Esparta, apresentavam ás platéas o escravo embriagado; Garrett velava delicadamente o horrivel incesto de D. Sismundo. E' que Garrett era um atheniense.

Tinha o sorriso! Dos grandes vultos, que dirigem na Europa a litteratura do seculo XIX, outros poderão igualal-o ou vencer-o no arrojado do lyrismo, na vehemencia dramatica, no calor das tintas, mas nenhum possue aquelle sorriso eternamente juvenil, que illumina as paginas das *Viagens na minha terra*, aquelle sorriso travesso de *D. Branca*, o malicioso sorriso do *Arco de Sant'Anna*. Era o homem das delicadezas, dos toques fugitivos, das suavissimas meias tintas; se no seu espirito, essencialmente original, havia uns leves reflexos de influencia estrangeira, era da Inglaterra que elles vinham, da vida ingleza, e da litteratura ingleza, do humorismo do *Spectator* de Addison, e aqui ou além da palheta de Walter Scott nos seus prologos encantadores. Mas estes lampejos de luz estranha não serviam senão para matizar o fundo essencialmente nacional das suas concepções; attestavam o parentesco do espirito de Garrett com os grandes espiritos inglezes, não a supremacia d'estes que eram para o nosso poeta irmãos e não modelos.

Camões e Garrett resumem litterariamente a nossa nacionalidade. O Portugal cavalleiresco e fidalgo vive na epopeia de Camões; alli se cantam as proezas da nobreza militante e dos gloriosos reis, alli as tradições da cavallaria, as canções de gesta entoadas pelos trovadores nas salas feudaes dos castellos; na obra de Garrett são as physionomias populares que resurgem, as creanças, a poesia e as glorias do povo; no poema de Camões é o maravilhoso senhoril que campeia *dame Venus e sire Júpia* como diziam os *trouçeres* francezes; mas Garrett invoca o maravilhoso popular.

Camões aviva a recordação das chronicas fidalgas e dos fidalgos romances de cavallaria; Garrett collige preciosamente a chronica oral e poetica do povo, e entrelaça no *Romanceiro* a flôr melancholica da xacara com a ridente flôr da cantiga deseuidosa; da grande epoca de D. João I lembra Camões a tradição dos doze de Inglaterra, Garrett a do alfageme de Santarem; Camões dá a sancção da poesia á lenda monastica de Ourique; aproveita Garrett no *Arco de Sant'Anna* a tradição do bispo açoitado por D. Pedro. Por isso esses dois grandes vultos apresentam as duas grandes faces da historia portugueza, a face aristocratica e a face democratica, a do passado fidalgo que teve um curto sol, que se affogou em sanguineo ocaso — o da gloria, a do futuro popular, que tem no horizonte um outro sol immorredouro — o da liberdade.

Em torno do vulto de Camões parece que adejam, com azas de ouro, essas figuras sublimes dos cavalleiros aventureiros, que iam, mar em fóra, fieis á patria e ao rei, conquistar para a corôa novos florões, para a patria novos esplendores, para a civilisação novos mundos. Em torno do vulto de Garrett adejam tambem outras figuras, que elle tirou da sombra, e a que deu vida immortal: o rude alfageme, Gil Vicente, o homem do povo que erguia no paço dos reis a voz audaciosa, e os grandes poetas e os grandes prosadores, Camões e fr. Luiz de Sousa, esses gloriosos nomes com que Portugal hoje mais se honra do que se hourava outr'ora com os seus bravos cavalleiros. Se Camões enfeixou no seu poema grandioso, mau grado ás regras da epopeia, todas as glorias portuguezas, não houve tambem grande epoca da nossa historia que Almeida Garrett não trouxesse á luz do proscenio; pintou no *Alfageme* a epoca brilhante de D. João I, no *Auto de Gil Vicente* o esplendido quadro de D. Manuel, em *D. Filippa de Viçena* a reivindicção da independencia, na *Sobrinha do Marquez* a aurora da revolução, que doira a frente pensativa do Marquez de Pombal. Não houve tambem provincia da arte em que elle não estampasse o cunho da sua gigante individualidade. O drama portuguez creou-o elle, o poema romantico a elle deveu tambem as suas cartas de naturalisação; passando no campo do lyrismo escreveu as *Folhas coidos*, essa grinalda primorosa e rescendente; no romance traçou os admiraveis capitulos do *Arco de Sant'Anna*: *firtando*, como elle dizia n'um dos seus graciosos anglicismos, pelos jardins do humorismo, escreveu as immortaes *Viagens na minha terra*; orouder pronunciou os admiraveis discursos que são uma das glorias da nossa historia parlamentar. E, depois de ter percorrido em tres passos as regiões da arte, adormeceu no tumulo esperando a apothecose. Virá talvez, como a Camões, tres seculos depois. Na sua modesta esphera, o OCCIDENTE presta a sua homenagem ao homem, que foi, depois de Camões, o poeta mais portuguez que teve Portugal.

AS NOSSAS GRAVURAS

A RUA E ARCO DE SANT'ANNA NO PORTO

Quem desembarca na cidade do Porto, ou entra n'ella pela ponte pensil, depois de discorrer ao longo do rio, chegando á entrada da rua

de S. João, para subir, ou talvez melhor, trepar para a cidade; deixando aquella rua e voltando um pouco á direita, encontra uma ruella escura, ordinariamente ennegrecida, que se chama a rua da Ferraria; subindo por ella até certo ponto, depara á direita com outra que em angulo obtuso com ella encontra, e que segue tortuosa e mais estreita ainda. Logo ahí á entrada, e a poucos passos divisa um nicho na parede, encimado por um gancho de ferro, donde outr'ora pendia singela alampada, que todas as noites não piedosa accendia, a uma santa que



Bén, bén, bén, tira o chapeo
Que ahí vem dom Pero Cão

Hão, hão, hão só canzarrão
Tão ladrão é o bispo como Pero Cão.

ALMEIDA GARRETT — ARCO DO SANT'ANNA — Copiada XIV. — (Composição e desenho original de M. de Macedo, gravura de Alberto)

allí se venerava. Proximo a esse nicho, se reparar bem, percebe os vestigios de um arco que allí houve, e foi demolido há bastantes annos.

É esta a rua de San'Anna; aquelles vestigios, os restos dos encontros do arco, que allí se levantava; aquelle nicho, o da Senhora Sant'Anna, que tudo representa a nossa gravura. Garrett, introduzindo n'aquelle singelo quadro as figuras sympathicas da Gertrudinhas, da Anninhas, do joven Vasco, e as animadas e energicas figuras dos populares alterados contra o bispo e seu digno almudeiro, traçou aquella scena vibrante do Arco de Sant'Anna, de cujo tumulto, Manuel de Ma-

cedo, transportando o seu espirito á idade media, compoz o bello desenho que a nossa outra gravura reproduz, e nos faz como que ouvir a herraria da arraya-meuda, acompanhada do estrondear das caldeiras e tachos, entoando o

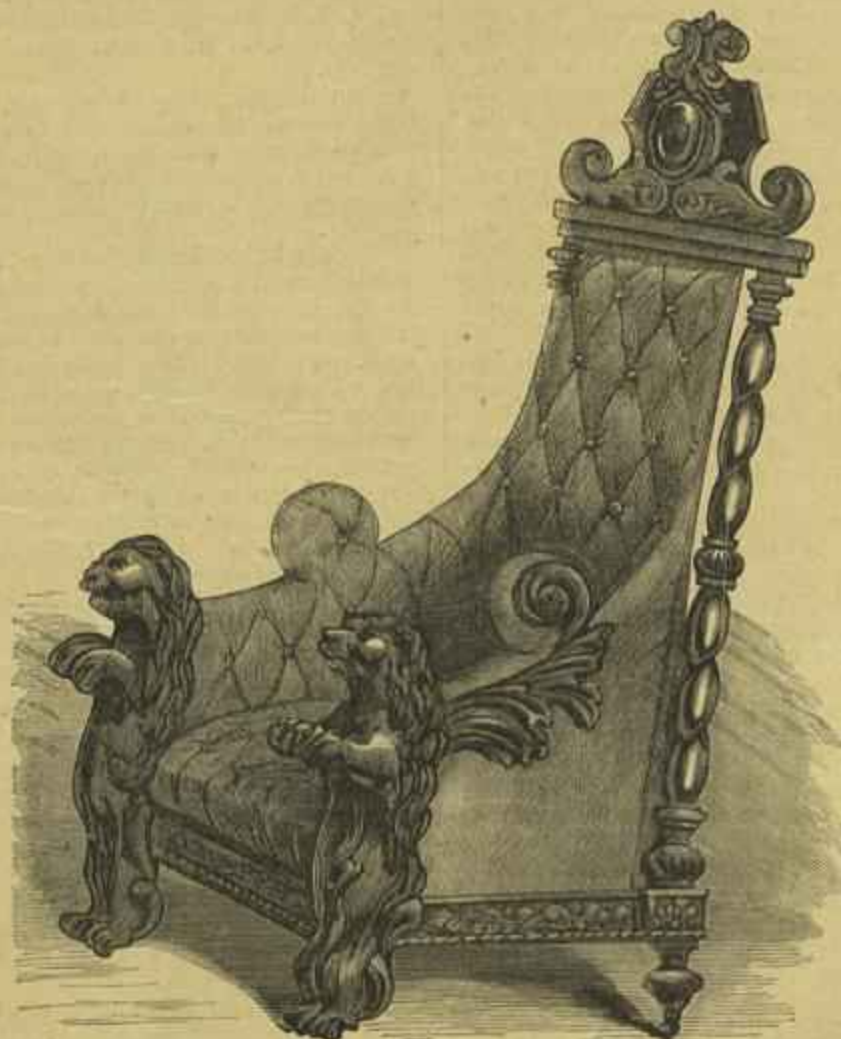
Bén, bén, bén, tira o chapeo
Que ahí vem dom Pero Cão
Hão, hão, hão só canzarrão
Tão ladrão é o bispo como Pero Cão.

CADEIRA ABBACIAL
QUE PERTENCEU A ALMEIDA GARRETT

Almeida Garrett não era só um grande poeta, era, e sobretudo, um grande artista. Tudo aquillo a que chegava o sopro da sua inspiração, saía modelado pelo mais apurado gosto. — Tudo o que o cercava, respirava a mesma elegancia artistica. O seu viver, o seu trajar, o seu compôr, tinham a mesma origem. A sua casa então, não tendo as sumptuosidades custosas e luxuosas que absorvem grandes capitães, tinha contudo um cunho de grandeza, que encantava. Havia o poeta reunido uma grande quantidade de moveis de pau santo, dos tempos mais graciosos da arte mobiliaria, e aquillo que hoje seria impossivel a homem de poucos recursos, foi-lhe então um tanto facil, pela, relativamente, abundancia que havia d'esses moveis, e falta de procura d'elles, pois só algum espirito privilegiado os adquiria. Comprava-os ainda mesmo incompletos, e ornagizando assim um deposito, ia pouco a pouco completando uns com outros, formando uma rica colleção, que hoje valeria uma grande somma, e ainda assim no leilão, ha perto de 24 annos, produziu quantia avultada. Distinguia-se uma guarnição de sala bellissima, com sofá, cadeiras, quatro esplendidos velladores e mesas que foram muito cobicadas. O quarto de dormir continha de mais precioso uma lindissima cama, e por toda a parte havia contadores e bufetes de multissimo gosto. O que principalmente attraia a attenção era a livraria ou gabinete de trabalho. Quatro grandes estantes de pau santo ornavam as paredes, duas especialmente eram de um trabalho de talha magnifico, e, se a memoria nos não falla, foram então arrematadas por sessenta mil réis: por quanto o seriam hoje? Ao meio da casa ostentava-se uma bella mesa, sobre a qual pousavam um tinteiro tambem de pau santo, arranjado segundo as indicações do poeta, e uma escrevaminha de prata, com ambulula para santos oleos, que havia pertencido ao tio e educador do poeta, D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia, que aquelle conservava na maior veneração e se não poz em praça por ser uma recordação de familia, e deve hoje talvez possuil-a sua Ex.^{ma} filha. Em frente da mesa erguia-se a fumosa *cadeira abacial*, representada pela nossa gravura, de espaldar e assento de damasco de seda carmezim, que pertenceu ao abbade do convento de S. Bento de Lisboa, sendo comprada por Garrett, com parte do côro da igreja do convento, que mandou apropriar a varios moveis, talvez ás estantes. Esta cadeira, que pertenceu ao poeta dezotto annos, foi comprada, com ou-



PORTO—RUA DO ARCO DE SANT'ANNA—Segundo o desenho do natural de M. Macedo



CADEIRA ABBACIAL QUE PERTENCEU A ALMEIDA GARRETT

tros moveis por Sua Magestade el-rei D. Fernando, que ha tres annos fez presente d'ella ao sr. Francisco Gomes d'Amorim, o mais dedicado amigo do poeta, o ultimo que lhe apertou a mão, e que lhe ouviu aquella derradeira e sentida phrase *já o não vejo*. A perfeição da nossa gravura dispensa-nos de uma descripção minuciosa. — N'aquella cadeira, porém, começou a agonia do grande escriptor, e hoje é para nós um objecto de sentida veneração.

CASA ONDE NASCEU GARRETT
NA CIDADE DO PORTO

O viajante que fór ao Porto, e quizer conhecer as principaes curiosidades da cidade, vae necessariamente á Cordoaria, encarar em todo o seu magestoso porte aquella denodada Torre dos Clerigos, que se agiganta no sítio da, outr'ora, porta do Olival. Entrando no jardim da Cordoaria (hoje Campo dos Martyres da Patria) e lançando um olhar de veneração a outro gigante natural que ali se ostenta, testemunha durante dois seculos de muito injustas execuções, se quizer contemplar um pequeno padrao que perpetua a memoria do, talvez, maior homem que o Porto tem produzido, deixe atraz de si a famosa torre, e á direita o magestoso carvalho e siga avante. Não encare á esquerda no edificio sombrio onde se escondem tantas miserias e torpezas, que se chama a *Cadêa da Relação*, não olhe para a direita para outro edificio que a moderna civilisação levantou, contra todas as prescripções hygienicas, a *Praça do peixe*; siga por essa rua espaçosa, mas curta, a *rua do Calvario* que logo á entrada tem uma capella, a das *Almas da Victoria*, e da parte opposta, a meio quasi da rua, encontra uma casa de apparencia nem modesta nem acanhada, que no seu tempo, era uma habitação para gente bem remediada, e parando em face d'ella enxergará um retabulo oval orlado por uma grinalda de carvalho, no qual, em letras de bronze se lê a seguinte inscripção:

CASA ONDE NASCEU
AOS
4 DE FEVEREIRO DE 1799
JOÃO BAPTISTA DA SILVA LEITÃO
DE ALMEIDA GARRETT

MANDOU GRAVAR Á MEMORIA DO
GRANDE PORTO
A CAMARA MUNICIPAL
D'ESTA CIDADE EM
1864.

B.

MONUMENTO A GARRETT

Quando na noite de 9 de dezembro de 1834, se espalhou por Lisboa a noticia do fallecimento de João Baptista d'Al-

meida Garrett, houve profundo e geral sentimento. Havia o poeta nascido a 4 de fevereiro de 1799 na rua do Calvário, no Porto; não contava bem cincoenta e seis annos de idade, publicara havia ainda tão pouco, um volume de poesias do mais singelo e delicado lyrismo, que parecia inacreditavel um tão prematuro passamento. Mas era-o, infelizmente. As seis horas e vinte e cinco minutos da tarde d'aquelle fatal dia, apagára-se a luz d'um dos maiores espiritos de Portugal.

Trabalhos litterarios, politicos, administrativos, emigrações, expedições guerreiras e um sem numero de variadas occupações haviam consumido aquelle corpo, animado de um espirito superior, que até ao ultimo instante se conservou vivo e claro; e porisso o seu desapparecimento era dobradamente sentido.

Ninguém hoje pôde fazer idéa de quanto se commemorou aquella perda.

No dia 11, destinado para o sahimento, affluia á egreja de Santa Isabel, um concurso enorme de pessoas de todas as classes, condições e gerarchias. Era tal o concurso que as Academias e artistas de Lisboa, pediram e obtiveram que o féretro fosse levado á mão, d'alli até ao cemiterio. Ministros, titulares, pares, deputados, generaes, escollares, artistas e operarios, todos tiveram eusejo de prestar a ultima homenagem ao grande poeta, porque a todos foi dado o pegar ao caixão.

Vejam-se a *Imprensa Lei*, o *Arauto*, o *Progresso*, a *Nação*, a *Revolução de Setembro*, o *Portuguez*, o *Jornal do Commercio* e outros jornaes do tempo, e encontrar-se-ha ali o que resumimos agora.

Chegado ao cemiterio o prestito, feitas as absolvições do estylo, foi o féretro encerrado no jazigo da familia de D. Francisco de Brito do Rio, cujo filho, D. Pedro, amigo intimo do finado, era o seu testamenteiro.

Meio aberta ainda a porta do sarcophago, a vêr-se ainda o precioso deposito, subiu os degraus o poeta Castilho, e ali disse algumas palavras, manifestando a idéa de que se fundassem uns campos elysios para descanso dos grandes homens da nação, e se collocasse uma chapa metalleica na casa onde elles fallecessem. Este discurso foi ouvido com religioso silencio, sendo depois diversamente commentado, como se pôde vêr dos mesmos jornaes e dos do Porto. Seguiram-se a fallar os srs. Silva Tullio e Vieira da Silva, nos quaes succedeu o sr. Rebello da Silva, que n'um brilhante, mas pequeno improviso, elevou e impressionou aquelle numeroso acompanhamento, que almejava por uma palavra calorosa. O sol descia no horizonte, a tarde era fria, mas todos estremeeceram e se agitaram quando o inspirado orador lhes tocou as fibras d'alma com a sua palavra eloquente. Começavam a estender-se as sombras das arvores e dos tumulos, quando Rebello dizia:

«O vulto que abriu este seculo é já n'essas sombras, estatua. Hontem homem, hoje saudade, amanhã gloria, os raios da sua luz illuminam no sepulchro a era que de novo creou as nossas letras. Quanto elle sentiu e chorava o passado! quanto amou o presente! quanto desejou o futuro! Todas as lagrimas de uma grande alma, todas as aspirações de um grande espirito vivem n'essas paginas, que já agora são eternas».

E quando o orador concluiu por estas derradeiras palavras, todos estavam repassados do sentimento d'aquelle grande perda:

«N'estas occasiões o silencio e as lagrimas dizem tudo. Inclino-nos. A patria que elle amou tanto, não desherdará o amor da sua alma. Confieemos. Os seus ossos, como os do Vate do Adamastor, não clamarão debalde por um monumento. Adopte a patria o que ficou d'elle, e a nação poderá dizer — *sou digna da herança!*»

Mas não é, nem nunca o foi. Se n'aquelle momento, se fizesse ali uma subscrição e os individuos presentes tivessem meios, realisava-se o desejo por todos manifestado, mas depois tudo esquece n'este mal-fadado paiz.

Seguiu-se a Rebello da Silva o sr. Palmeirim, recitando uma poesia do sr. Mendes Leal, depois impressa na *Imprensa e Lei* e transcripta em mais jornaes.

Os artistas do theatro de D. Maria II n'uma carta no referido jornal do dia 13, diziam: «Para elle, no tumulo, muda a inveja, *ergue-se o monumento*. A nós que o choramos, o que nos resta? . . . Dôr e saudade! Hoje inclinados ás suas cinzas chegou a hora de dizermos a verdade sem receio de que nos accusem de lisonja: A perda do sr. Garrett foi para nós irremediavel!»

E nunca se disse tamanha e tão exacta verdade.

E synthetizando o que se dizia nos jornaes, nas conversas, nos gremios, o que se disse á beira da sepultura, o que diziam os poetas nos seus versos, escrevia o sr. A. Pereira da Cunha na *Nação* de 12: «Por uma singular e feliz coincidência, manifestou-se em todos estes discursos a lembrança, de erigir quanto antes um monumento condigno ao chefe da nova escola. . . . Trate-se pois do monumento, abra-se uma subscrição e concorramos todos: ricos e pobres, pequenos e grandes, etc. . . . Não demos occasião a que por mais uma vez, seja accusada de ingrata a patria.»

A 17 pedia um anonyuo na *Imprensa e Lei*, que visto não haver *Pantheon*, se comprasse ao menos no cemiterio dos Prazeres, campo para repouso dos grandes homens da nação.

Na de 19, apparecia um communicado, dizendo que tomando corpo a idéa de um monumento a Garrett, alguns amigos do finado e homens de letras, se haviam reunido para esse fim, os quaes certos de serem correspondidos. . . . tomaram a si a iniciativa do empenho, *esperancados em que o primeiro anniversario funebre de Garrett verá erguido o monumento*. Formavam essa commissão os srs. Alexandre Herculano, A. José d'Avila (hoje duque), J. Ferreira Pestana, E. Gomes d'Amorim, L. A. Rebello da Silva, M. José Gonçalves, Epifanio A. Gonçalves, Carlos Kruz, e dizia-se

que, logo que chegasse o sr. João de Lemos, se esperava a sua cooperação. Nos jornaes de 27 se participava que a commissão nomeára para presidente, A. Herculano; para thesoureiro, C. Kruz e para secretarios Rebello da Silva e F. Gomes d'Amorim.

Já a 13 se havia annunciado uma avida de Almeida Garrett, escripta pelos srs. Rebello e Amorim, contendo além d'isso breve noticia dos seus manuscritos e extractos largos das suas primeiras obras inéditas.

O Porto, como patria do grande poeta, associava-se ao lucto nacional. Os jornaes d'alli appareciam tarjados de preto, no dia em que lhes chegou a fatal noticia. E desde o dia 13 de dezembro até ao fim de janeiro seguinte, mais ou menos fallaram do poeta. Veja-se o *Braz Tizana*, o *Lidador*, o *Nacional*, a *Monarchia*, etc., etc. José de Sousa Bandeira, o decano dos jornalistas portuguezes, convidava para sua casa alguns dos mais intimos amigos do escriptor, e formados em commissão, convidavam grande numero de pessoas para uma reunião no salão do theatro. Esta reunião effectuava-se a 25. Presidia o conselheiro, J. J. Rodrigues Bastos. Assistia a ella grande numero de pessoas, cujos nomes se podem vêr no *Braz Tizana* de 28. Da acta publicada no de 27, se vê que fallou em primeiro logar o sr. José Gomes Monteiro. O sr. Custodio J. Vieira n'um brilhante improviso, referindo-se ao que disse o sr. G. Monteiro, fallando do *monumento da ingratidão* das gerações passadas, concluiu: «Choramos a perda? paguemos a divida. As lagrimas podem parecer egoistas, e a gratidão por mais que se erga ou dilate, não poderá nunca assumir as dimensões dos beneficios. Cuidemos pois de pagar o possivel. E necessidade, é dever, é honra: paguemos, paguemos pois.»

A assembléa approvára a seguinte proposta do sr. G. Monteiro: — «Esta reunião. . . manifesta o desejo de que a cidade perpetue, pelo modo que se julgar digno e exequivel, a memoria do seu illustre filho, o Visconde d'Almeida Garrett.»

O bispo e outros que não puderam assistir á reunião, enviaram cartas de desculpa e adhesão.

No *Nacional* de 27 ha um notavel communicado, a que a redacção, cedendo o seu logar, deu as honras de artigo de fundo, no qual se annuncia a idéa, do municipio do Porto promover uma subscrição geral, para com o producto d'ella constituir um premio, que se denominaria — *premio Garrett* — para recompensar a melhor obra sobre *educação* ou *theatro*, annualmente.

No dia 31 reúne a grande commissão em casa do conselheiro Rodrigues Bastos, para deliberar sobre o monumento, e resolvem que seja uma estatua na cidade, e no sitio, onde com accordo da auctoridade, se possa levantar, sendo a despeza de 3 a 4 contos de réis.

A 7 de janeiro seguinte ha outra reunião onde se nomeiam duas commissões: uma para receber os donativos composta dos srs.: viscondes de Azevedo, da Trindade e de Castro Silva, conde de Samodães, barões do Bolhão e de Massarellos, Guilherme A. Machado Pereira, e F. Gonçalves d'Aguiar; e outra para tratar do plano do monumento composta dos srs.: J. J. Rodrigues Bastos, J. de Sousa Bandeira, Joaquim Ribeiro de Faria Guimarães, João B. Ribeiro, José F. Ayres de Gouvea, A. J. Dias Guimarães, e M. J. Carneiro. Já na reunião de 25 no theatro o sr. J. B. Ribeiro havia apresentado dois esboços de monumento.

Em Coimbra, foco da sciencia e letras portuguezas, não podia deixar de se commemorar tão infausto successo, e tal foi elle, que segundo o dizer do correspondente de Lisboa no *Comimbricense* de 19, referindo-se á escacez de noticias, «nos primeiros dias d'esta semana os jornaes quasi que se occuparam exclusivamente do Visconde d'Almeida Garrett».

No dia 31 de dezembro houve sessão solemne no *Instituto*, para commemorar o fallecimento do glorioso escriptor, e deliberar acerca do monumento a elevar á sua memoria. A assembléa decidiu lançar mão de todos os meios ao seu alcance, para perpetuar a memoria do grande poeta, sendo approvada a lembrança do sr. Adrião Forjaz, para se collocar na salla do *Instituto* o retrato ou busto d'Almeida Garrett, no dia que em sessão solemne se lesse o seu elogio funebre. Decidindo-se mais, por proposta do sr. Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, se sobreestivesse em qualquer manifestação de outro genero, em quanto se não soubesse o que resolviam as commissões já nomeadas para aquelle fim em Lisboa e Porto, com as quaes a meza se devia pôr em communicação, participando á assembléa do *Instituto*, para ella resolver, o que sobre o assumpto fosse occorrendo.

O resto do paiz foi ecco d'estas manifestações, desejos e protestos.

Ha 24 annos dizia-se: o primeiro anniversario funebre de Almeida Garrett não chegará, sem que se veja erguido um monumento á sua memoria; e hoje, é o vigessimo quarto anniversario, e apenas um theatrinho no Porto tem o seu nome. Quando se cumprirá a promessa? quando cessará esta vergonha? quando deixará de poder applicar-se ao grande poeta d'este seculo, o que elle perguntava com relação ao seu antecessor de tres seculos:

Onde jaz portuguezes o moimento?
Que do immortal cantor as cinzas guarda?
Homenagem tardia ás paginas
No sepulchro siquer, raça de ingratos?

Lisboa 9 de dezembro de 1878.

COSMOS

Eu encostei o ouvido ao flanco da montanha.
Sahia lá de dentro uma harmonia estranha,
Cycloptica, gigante, achilética, titanica,
Como o ruir feroz de floresta brahmanica.
Cruzavam-se no espaço os clamorosos uivos
Do tigre e do jaguar; os grandes loões ruivos
Saltaram um rugido immenso, gemebundo
Assim como o que são das entranchas de um mundo
Prximo a desabar: de um mundo que se abysma,
E se estorce, ao morrer, nas aocias de aneurisma.
Andavam pelo ar uns silvos ideaes:
Eram as vibrações sonoras dos metaes.
O ouro, a prata, o zinco, o ferro, o antimónio,
Tudo eu senti rolar no immenso pandemonio.
Ainda escutei mais: estrangulados roncões,
Como o desmoronar de ressequidos troncos.
Talvez que fosse o mar, talvez que fosse o vento...
De ambos julguei ouvir o lugubre lamento.
Enquanto a onda absorve as fulgidas areias,
O vento vai lambendo as melicas colmeias.

Passam de quando em quando umas detonações:
É o Direito a sair da bocca dos canhões,
Empunha a deusa austera, a immortal Justiça
Encerra em um momento a chlamyde postiga.
E vai tornada em Morte ao meio de um ataque,
Ao campo, aos hospitais, ás tendas, ao *divac*,
Espalhar a miséria, a viuvez, a orphandade,
Em nome do Direito e em nome da Verdade.

E em meio d'isto tudo uns placidos rumores:
Os insectos sugando os calices das flores.

E eu disse: ó Natureza, ó filha do Infinito,
Como podes gerar no ventre de granito
O bem e o mal, a luz e a treva, a morte e a vida?
O ferro da charrea e a lamina homicida?
A agua que fecunda o seio da materia
E o vulcão que arremessa a chamma deletéria,
Que cresta, quando passa, as tremulas espigas?
As rosas do Japão e as perfidas ortigas?
Apascentas no seio, em teus robustos flancos
Indifferentemente os grandes ursos brancos
E a ovelha que produz os doces lacticionos.
O amor, o odio, a paz, a guerra, os exterminios,
Tudo nos vem de ti, ó grande Natureza,
Que potencia immortal, e que immortal grandeza!

Mas diz-me, ó Natureza, ó fecundante ventre,
Porque é que tudo em ti vive oscillando entre
O ser e o não ser, a existencia e o nada?
A cada luz de aurora, a cada madrugada
Corresponde uma noite eterna de tormentos,
O suspirar da alma e o suspirar dos ventos
Ai, tudo, em vão, caminha em busca do ideal!
A duvida sombria, eterna, universal,
Vive dentro de nós assim como um veneno.
A alma vai despindo o involucro terreno
Sentindo-se extinguir, morrer á mingua do oleo.
O oleo d'esta luz é o que illumina o solio
Da vasta Humanidade; a força da consciencia
Em frente ao grande mundo, a braços com a sciencia.

Como se não listasse ainda o negro assadio
Da duvida fatal, o grande verme, o tedio
Apossa-se de nós, enrosca-nos o braço,
E não ha que lutar, cablmos de cansaço,
Prostrados de fadiga... o homem morre, então,
D'esse terrível mal chamado intuscepção.

Se alguma vez encára o porpassar dos astros,
É como o marinheiro ao vêr sorrir os mastros
Da nau em que naufraga, enquanto o mar profundo
Lhe vai tragando a vista: olhar de moribundo.

Humanidade, quem ha de poder conter-vos?
A irritabilidade electrica dos nervos,
O sangue a propulsar energico, espontaneo,
As convulsões do peito e as convulsões do cranio;
E tudo o que traduz aquella chamma etherica
Que eu não sinto vibrar no seio da materia,
E quanto ha grande em nós e quanto nos assombra,
Ai, tudo nos condiz, so nada, á eterna sombra.
Em toda a parte o grito, em toda a parte o alarme.

Espirito immortal, és tu que hes de matar-me...

SILVA RAMOS.

EXAME DAS MOEDAS DE SIAM

OFFERECIDAS A SUA Magestade EL-REI

(Conclusão)

É curiosa e rara, posto que não antiga nem verdadeiramente moeda, a pequena especie de prata, redonda e chata, de quatro carimbos. Foi a primeira experiencia tentada por Maha-mong-kut para imitar a forma das moedas europeas. Cunhou-se ha perto de trinta annos em numero de só vinte exemplares, que o velho rei distribuiu nos principaes membros de sua familia. Com a boa vontade que poz sempre em abraçar as praticas estrangeiras uteis, não lhe podia soffrer o animo ficar-se em tão imperfeito ensaio, pelo que, dotando a casa da moeda com as machinas, apparelhos e artistas proprios, ponde enfim cunhar o tical de forma chata, commoda e elegante, com as suas subdivisões. Coube ainda a seu filho o avançar n'este progresso, e de modo o fez que de todo iguala as actuaes moedas de Siam ás das nações mais adiantadas.

São já agora tres os cunhos chatos successivamente adoptados para a moeda de prata. Como se vê na colleção, os dois primeiros differenciam-se por ter o segundo a corôa de Siam mais rodeada de ornatos. Em ambos o reverso mostra o elephante sagrado, no meio da roda de Buddha. O terceiro padrão inscreve legendas dos dois lados em caracteres siamezes, tem as armas de Siam em modernissimo desenho e a effigie real primorosamente esculpida.

Direi de passagem que este cunho denota a destruição completa de um preconceito, enraizado até não ha muitos annos. Sua magestade Somdet Prah-pin-kiau, segundo rei de Siam, pae do actual segundo rei, satisfazendo uma vez ao empenho com que alguém lhe pedira um retrato sen daguerreotypado, escreveu recommendando que o não expozessem de modo que pudesse vir a ser reproduzido e vendido como se vendiam os retratos de pessoas estrangeiras, pois isso importaria grande offensa da etiqueta siameza. Hoje o primeiro e segundo reis e os principes e princezas olham até já de boa sombra os livros e jornaes em que se intercalam retratos d'elles, e entendem bem que os auctores, adornando assim as suas obras, estiveram longe de querer significar-lhes irreverencia ou desestima.

Não sabem, ou não usam, os siamezes extrahir, ou aproveitar, de seus minas a prata, porque em todo o paiz a não encontram no estado nativo e só combinada com outros metaes. Por isso dependeram sempre da prata estrangeira para a cunhagem de suas moedas, facil dependencia allias por exceder em muito o valor das exportações de Siam ao das importações. Para effectuar as grandes compras de arroz, de madeiras, de gomas etc., em muitos districtos do interior, onde nem sempre eram aceitas as patacas mexicanas e hespanholas, moeda usual do commercio europeu no extremo oriente, deviam os negociantes dirigir-se na capital ao governo, que lhes dava em ticaes o peso das patacas depois de derretidas, com o desconto de quatro ticaes e meio por oitenta, para a despesa da transformação. No processo d'esta ainda os siamezes ajuntavam depois algum chumbo, para melhor evitarem o prejuizo, ou assegurarem o beneficio, de onde vem ser a prata dos ticaes inferior á das patacas, — e parece que da mesma inferioridade se não isentam as especies modernamente cunhadas. Somdet Prah-chon-kiau decretou que para todos os pagamentos cinco ticaes equivallessem a tres patacas hespanholas ou mexicanas, facilitando por esta lei a troca e alliviando-a do referido imposto de quatro ticaes e meio em cada oitenta. Esta unidade do peso e valor de oitenta ticaes, chamada pelos siamezes *chang* e pelos europeos *cate* ou libra de prata, ficou pois desde então declarada officialmente igual a quarenta e oito patacas, o tical a sessenta centavos da pataca e o *salung* a quinze centavos. E como os siamezes fazem de cincoenta *changs*, ou *cates*, um *hab*, que os portuguezes chamam *pico*, e de cem *habs*, ou *picos*, um *parak*, que em portuguez se diz *tara*, segue-se que o pico de prata vale em Siam duas mil e quatrocentas patacas, e a tara duzentas e quarenta mil, ou quatrocentos mil ticaes, ou pelo nosso cambio official duzentos e quatro contos de reis.

Não tem curso usual a moeda de ouro. O rei sómente a faz cunhar para presentes, em occasião de funeraes e outras solemnidades de sua casa, ou dos nobres. As duas pequenas especies da colleção servem para mostrar que a forma e typos são sempre iguaes aos da moeda de prata. A denominação tambem é igual, e assim se diz: tical de ouro, *salung* de ouro etc. O valor é dezeseis vezes o da prata.

Vimos que o tical se divide em *suangs*, *sang-pais* ou *siks* e *páis* ou *siens*. Para fallar das moedas inferiores ás de prata, devo acrescentar que o *siên*, ou *pái*, se divide em dois *ats*, o *at* em dois *so-lots* e o *so-lot* em cincoenta *cauris*.

O *cauril*, ou *caurim*, chamado pelos siamezes *biah*, é o pequeno buzio que se vê na colleção e que varias tribus africanas e oceanicas recebem e usam por moeda ainda hoje. Em Siam foi usado até Prah-chon-kiau e variava frequentemente de valor, chegando ás vezes a ser precisos 1500 para fazer um *suang*, até que governo o fixou na relação que deixo dita, equivalente a 800 por *suang*, ou 6400 por tical, ainda agora creio que mantida em algumas casas de jogo barato.

Esta determinação porém não podia resistir ás fluctuações inevitavelmente motivadas ora pela abundancia, ora pela escacez dos *cauris*, e para acabar com tal inconveniente de uma moeda de trócos já de si e em todo o caso sobremodo incommoda, creou o alludido rei as moedas de chumbo que a colleção mostra. Foi o primeiro passo para a moeda de cobre chata, regular e facil, e tinha de ser um passo rapido, porque a essa desvantagem que se quiz remediar succedeu logo outra ainda maior, ou que ainda com mais urgencia pedia remedio. Decretára-se para taes moedas valor convencional ou forçado muito superior ao seu quasi nullo valor intrinseco, pelo que, despertando-se o interesse da falsificação, que ainda menos dorme onde formigam chins, em breve nenhuns trócos de chumbo, por muito bons que fossem, acharam nos mercados quem os quizesse. D'este modo veio a decretar-se e cunhar-se a excellente moeda de cobre de Chon-kiau, de um *siên*, um *at* e um *so-lot*, já agora tambem substituida pela mais perfeita ainda e mais util de Chulalonkorn, com os valores de quatro, dois, um, e meio centavo de pataca mexicana. É só esta a especie de miúdos, com os de prata, que tem hoje curso legal em Bangkok. Em Singora e portos de Patane e Tringano, costa siameza oriental da peninsula de Malaca, gira, no valor de umas duas mil por pataca, a sapeca de estanho, em que o estudioso da colleção achará o interesse da legenda em tres linguas e tres especies de caracteres, siamez, chinês e malayo.

Acabado o exame das especies que deixo enumeradas, surprende a attenção a estranheza de fabrico e a variedade de formas de noventa

moedas de bronze, duas de bronze e pedra, uma de pedra, dezesseis de vidro e não menos de seiscentas e trinta e tres de porcelana, todas diferentes, com que se termina a collecção. Estas moedas, já agora sem curso, designadas pelo nome generico de *pi*, não foram cunhadas pelos reis de Siam, mas só auctorizada ou tolerada a cunhagem d'ellas aos monopolistas do jogo e de outros exclusivos. O governo siamez dava a qualquer individuo, e ainda hoje não recusa em principio, a faculdade de emitir moeda na forma e especie que quizer, com tanto que a não rejeite no valor em que a emittiu. O valor dos diferentes *pis* foi de um *salung*, um *suang*, um *song-pai*, um *pai*, um *siu* e um *at*, e só existia, nos que respeitam aos arrematantes de exclusivos, enquanto vigorava o contracto d'esse monopolio. O novo monopolista, — ou ainda o mesmo quando renovava a arrematação, que é annual, ou receava ou descobria falsificações, — emittia novos *pis* e annullava os anteriores. Tudo isto explica o ter havido tantos. É porém já agora muito raro encontra-l'os, principalmente os de vidro e os de bronze; dos de porcelana mesmo chegam alguns estrangeiros, amadores de curiosidades, a offerecer um tical por cada um. Geralmente chinezes, os monopolistas mandavam fabricar esta moeda quasi sempre na China, poucas vezes em Siam, e algumas tambem, quatro ou cinco, na Europa. As inscrições ou legendas são todas chinezas e dizem de ordinario n'um lado o nome da firma ou casa emissora e no outro o valor siamez da especie.

Tenho concluido, — pois é tudo o que, sem receio de errar e sem amor de fantasiosas conjecturas, posso até agora escrever da collecção a que, mais de tres annos, dediquei os ocios não muito largos nem saudios da minha residencia na capital e digressões nas provincias do mais importante reino da Indo-China, terceiro em civilisação e riquezas entre todos os estados independentes na maior das cinco partes do mundo. A pouquidade dos dados do auctor deve por certo esta noticia o não ser mais erudita e completa, mas deve-o tambem á razão que dei no principio d'ella. Não vae ainda muito longe o tempo em que o sabio geographo Malte-Brun, chegando a tratar de Siam e Camboge, escreveu que «de tues paizes pouco mais se conhecia do que o contorno maritimo de suas costas», e ainda d'estas, e desde então, quantas rectificações não registaram os hydrographos, quantos enganos não maldisseram os naufragos! As explorações e estudos têm sido quasi unicamente commerciaes, quando não de aventureiros e traficantes. Mouhot, o devotado, honestissimo e incançavel explorador francez que formára o projecto de entrar, conhecer e descrever esta região, teve a offerta recusada pelo seu governo e dirigindo-a aos inglezes, que lh'a acitaram, lançou-se com ardor na empresa; mas prostra-o no Laos a febre do mato, embacia-lhe a morte o insinuante olhar, bafeja o ultimo gemido e larga a penna sobre o singelo e interessante diario de seus trabalhos! Pallegoix soube muito de Siam, deixou um monumental dicionario e uma noticia polygraphica em dois volumes de grande valia, mas foi durante o melhor da sua vida mais dedicado missionario e venerando bispo do que escriptor ambicioso das glorias da sciencia, e quando accedeu em vulgarisar a luz de suas investigações e estudos era tarde e o cansaço e as molestias approximavam-lhe já tambem o fim da vida. *The Kingdom and People of Siam* de sir John Bowring, com ser obra muito apreciavel, não nos adianta em historia. Gréhan leu Pallegoix e nem sequer viu o paiz de que é representante consular em França. Beauvoir, em caminho á volta do mundo, passou oito dias em Bangkok, dando-lhe imagens e flores com a sua natural prodigalidade. O missionario americano Bradley, com varios livros e publicações periodicas quasi sempre em siamez, dedicou-se muito a instruir os siamezes sobre coisas de fóra e pouco a esclarecer os estrangeiros em assumptos de Siam. N'um e n'outro intento escreve largamente, com sua esposa, outro ministro protestante, Samuel Smith, redigindo sós os dois, e desde ha mais de dez annos, o *Siam Weekly Advertiser* e o *Siamese Repository*. O estudo porém d'estas revistas, se bem que de util e copiosa informação em variadissimos themas e interessantissimas materias, prejudica-se no descosido, apressado e incorrecto, geralmente inevitavel em periodicos. — Virgem pois se pôde dizer o campo, e não seria para forças minhas o



PORTO — CASA ONDE NASCEU ALMEIDA GARRETT

ara-l'ò. Fiz o que soube e o que mais facil me tornavam as circumstancias. Colleccionando moedas, trago ás mãos de futuros cultivadores utensilios importantes, porque valem muito a numaria e a numismatica para desbravar a historia.

Disse que era a mais completa esta collecção, porque até abril do corrente anno de 1878 vi bem não o serem tanto a do muséo do palacio real de Bangkok e a do Kromatah ou ministro dos negocios estrangeiros, do director da casa da moeda, do dr. Staninus, do hollandez Senn van Basel e do inglez Bird Ames, unicas que sei existirem, e que todas examinei e acompanhei no seu progresso. Na Europa não creio que haja outra que mereça nota, e entre tantas de tantos paizes nenhuma encontrei no palacio do Trocadero, ou em toda a exposiçào universal de Paris.

Offertei-a a El-Rei no desejo de prestar homenagem ao illustre amor que Sua Magestade consagra ás sciencias, não olvidando a numismatica, e em tributo humillimo de muito alto respeito.

A. MARQUES PEREIRA.

AOS LEITORES

O OCCIDENTE conclue com este numero o primeiro anno da sua publicação. A *Empresa* deve algumas palavras de sincero reconhecimento ao publico portuguez pelo valioso auxilio e extremo favor com que secundou os seus esforços, e aos nossos irmãos d'além-

mar, espalhados por todo o imperio do Brazil, envia um agradecimento sincero pelo alvoroço com que vieram em auxilio d'este modesto empreendimento. Entrando com desassombro no segundo anno da publicação, teremos sempre em vista, como no periodo já decorrido, a fiel execuçào do programma a que nos subordinamos, procurando cumpril-o com fidelidade, tão bem quanto nol-o permittam os recursos artisticos do paiz. Não fazemos promessas pomposas. O leitor abrindo os 24 numeros do OCCIDENTE publicados e attendendo a que, sem discrepancia de um dia, a nossa modesta publicação saiu sempre á luz na data prefixa, verá ahi a garantia de que as nossas palavras não devam ser tomadas á conta de vans promessas tantas vezes feitas e tão raras vezes cumpridas.

O OCCIDENTE procurará cada vez mais corresponder ao favor do publico; com semelhante estimulo, e com a mesma deligencia até aqui empregada, esperamos que esta illustraçào em breve nos possa honrar em face de outras publicações idênticas do estrangeiro.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Arca de Noé.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA

6, Rua do Thezouro Velho, 6